



AS ARTES DA REVOLUÇÃO FRANCESA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Lealis Conceição GUIMARÃES*

RESUMO

Este estudo objetiva apresentar alguns aspectos da grande influência exercida pela Revolução Francesa na pintura, na escultura, na arquitetura e na música.

Palavras-chave: Revolução Francesa; Pintura; Escultura; Arquitetura; Música.

ABSTRACT

This paper aims at presenting some aspects of the great influence the French Revolution had on painting, sculpture, architecture, and music.

Key-words: French Revolution; Painting; Sculpture; Architecture; Music.

Introdução

"A Revolução Francesa ... foi o passo da humanidade para entrar no século. O pórtico era gigantesco, e era necessário um passo de gigante para entrá-lo", escreve Machado de Assis na crônica "O Jornal e o Livro", publicada em 10 de janeiro de 1859. As palavras do conhecido escritor brasileiro do século XIX mostram claramente que a Revolução Francesa deu um passo gigante e puxou a alavanca para abrir as portas da Modernidade.

A propósito, este trabalho objetiva mostrar a notável influência dessa rebelião política em alguns aspectos da cultura universal, em especial nas artes como a pintura, a escultura, a arquitetura e a música. A importância histórica desse fato se deve ao grande impacto provocado, na Europa e no mundo, por uma revolta espontânea que derrubou o símbolo da resistência despótica - a Queda de Bastilha. A Revolução Francesa é considerada uma das provas definitivas da maturidade burguesa, responsável pela emancipação e redenção da humanidade. Esse movimento atingiu seu apogeu revolucionário nas artes, principalmente na pintura e na música, bem como na organização e pompa de suas festas nacionais, expressando-se de maneira a atender um público maior, representado pela burguesia, e não mais apenas a minoria da nobreza.

* Docente do Departamento de Educação e Ciências Sociais do Centro de Estudos Superiores de Londrina.

Docente da Universidade Norte do Paraná (UNOPAR).

Doutoranda na área de Letras, pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis (SP).



Assim, com a diminuição do poder da aristocracia na França, as manifestações artísticas em estilo rococó desapareciam e o neoclassicismo se afirmava como o estilo representante da classe burguesa em ascensão.

Algumas considerações sobre as artes na Revolução Francesa

Napoleão, o conquistador interessado em deixar sua marca indelével na Europa e preocupado com o engrandecimento da França, foi o grande democratizador das artes como a pintura, a escultura, a arquitetura e a música.

Malgrado a acusação de vandalismo que muitas vezes recai sobre a Revolução Francesa, é importante ressaltar que a Comissão dos Monumentos, na Constituinte, espalhou representantes por toda a França para investigar e classificar o que merecesse ser conservado, entre pinturas, esculturas, arquiteturas e antiguidades. Depois, na Convenção, o Comitê de Instrução Pública e a Comissão temporária das artes deu continuidade ao trabalho. A Constituinte, já em 26 de maio de 1791, destinava o Museu do Louvre para guardar todos os monumentos das ciências e das artes. Em 27 nívoso do ano II (16 de janeiro de 1794), a Convenção determinava a guarda do Louvre para um "conservatório" que se dividia em quatro seções, uma para cada tipo de material classificado.

Algumas obras de arte foram destruídas pelos que nutriam ódio à monarquia. Então, com o intuito de protegê-las, especialmente as estátuas da Abadia de Saint-Denis, Alexandre Lenoir guardou-as no Convento dos Pequenos Agostinhos, originando o Museu dos Monumentos Franceses, determinado pela Convenção, em 15 de frutidor do ano II (1º de setembro de 1794).

Paralelamente aos acontecimentos políticos, os artistas começavam a cultivar sua emancipação. Já não dependiam só da aprovação do rei para sobreviver, pois os "novos ricos" passavam a se interessar pela arte como forma de adquirir prestígio social. Após 1789, aumentava o mercado consumidor de arte. Começam, então, a aparecer publicações sobre o assunto, com o advento de uma nova profissão, o crítico de arte, agora voltado para o grande público. Não se pode esquecer que, antes da Revolução, já eram conhecidos críticos como Platão e Aristóteles (na Grécia antiga), Vitruvius e Leonardo da Vinci (no Renascimento) entre outros. No entanto, estes escreviam apenas para um público restrito a filósofos ou aos próprios artistas.

É interessante observar que, para atingir um público cada vez maior, os artistas aperfeiçoaram a técnica da gravura que permitia obter numerosas reproduções, visto que a arte era uma mercadoria com tendência a se democratizar, como o governo.

O neoclassicismo era o veículo de propaganda do amor e do respeito à pátria, com a aprovação de Napoleão que procura, na antiguidade clássica, a solução para os seus problemas, fazendo da águia imperial romana um de seus emblemas. A construção de templos e arcos de triunfo, em Paris, bem demonstra a preocupação do Imperador de se identificar com a grandeza da Roma do passado.

Sempre lutando pela liberdade, ao lado de seus compatriotas, os artistas eram impulsionados por David (1748-1825), parisiense, membro da Convenção, pintor do Imperador Napoleão e organizador das festas republicanas. Ele dirigiu a pintura neoclássica francesa de 1875 até sua morte, exilado, sendo conhecido como o "Napoleão da pintura", não só por sua popularidade, mas também por ter exercido grande influência no governo, como porta-voz da propaganda política através das artes.

David comungava com as idéias do Imperador e a obra do pintor passou a representar o estilo oficial da França, pintando os ambientes antigos com tal exatidão que pareciam reais. Foi graças a ele que a inspiração antiga e a estética clássica continuaram dominando as artes plásticas, afirmando a superioridade do desenho e da forma inteligível sobre a cor. Sua obra era a exaltação do heroísmo e da dignidade. Embora criticado pelo próprio diretor da Academia de Artes como obra de mau gosto, David ficou célebre com seu quadro "O Juramento dos Horácios (1784), exposto no salão de 1785. A discutida tela, representando a Revolução em seus ideais republicanos de liberdade, igualdade e fraternidade, é considerada uma das mais belas do século. É uma pintura clássica com cores sóbrias e rígida composição que conduz a um ponto situado entre duas colunas, as quais servem de moldura para a personagem principal que segura solenemente as espadas. As posturas das outras personagens também ajudam a destacar esse ponto central. Através das cores, o pintor evidencia a menor ou maior participação de cada elemento na cena: à esquerda, com tons mais fortes, aparecem as figuras envolvidas na ação; à direita, as mulheres, em tons mais suaves.

No Salão de 1791, ele expôs novamente o quadro e outros como "A Morte de Sócrates" (1787), "Bruto" (1789) e "Juramento do Jogo de Péla" (1791). Neste aparecem, em primeiro plano, o monge, o nobre e o burguês, em íntima união, enquanto Bailly lê as leis, em pé, e o povo se manifesta entusiasmado.

Depois, em 1793, ele pinta "A Morte de Marat", polêmica personagem da Revolução, que foi assassinado por uma mulher, Charlotte Corday. No quadro, importa destacar a data escrita no papel que está em sua mão esquerda (13 de julho de 1793) e a outra (Ano Dois), no caixote. Elas marcam o encerramento de uma época e o início de outra.

Em outra tela, "Coroação de Napoleão em Notre Dame", David fez a composição usando a incidência de luz sobre as principais personagens: Napoleão, Josefina (sua esposa) e o Papa. Após essa obra, a simplicidade e sobriedade das cenas romanas foram sendo substituídas pelo luxo da corte francesa, com muito brilho e riqueza de detalhes.

Vários artistas da Europa visitavam seu atelier. Em Paris, o fiel seguidor de David foi Ingres (1780-1867), que se mudou para a Itália, mas continuou seguindo à risca os princípios do mestre, quanto ao desenho, e só algum tempo depois adquiriu estilo próprio, deformando certas partes do corpo humano para tornar suas telas mais expressivas.

David teve outros discípulos como François Gérard (1770-1837), retratista que recebeu encomendas de Napoleão e ficou conhecido como o pintor da história contemporânea, e Antoine Jean Gros (1771-1835), um dos encarregados de selecionar as obras de arte para compor o Museu do Louvre e pintor de inúmeras cenas dos feitos napoleônicos.



Conviveram ainda com David pintores como Jean-Baptiste Greuze (1725-1805), autor de composições com temas que apresentam fatos do cotidiano. Ele pintou, com muita sensibilidade, sem omitir nenhum detalhe considerado desagradável, como por exemplo, a baixa condição social do povo. Incluem-se, nessa época, Jean-Honoré Fragonard (1732-1806) e Hubert Robert (1733-1808). Fragonard ficou célebre por suas cenas galantes e até mesmo eróticas, influenciado pela pintura holandesa de Rubens e Rembrandt, fazendo manchas precisas criadas por pinceladas rápidas. Já Robert foi pintor de paisagens, de arquiteturas e de ruínas, como se pode observar em seu quadro "Festa da Federação", que representa o campo de Marte na memorável data de 14 de julho de 1790. Essa obra está assim composta: à esquerda, um arco do triunfo; ao centro, o altar onde Talleyrand rezou a missa; à direita ao fundo, a tribuna real diante da Escola Militar. Tudo está ao redor das tribunas. Percebe-se, ainda, o tempo tempestuoso, e sabe-se que realmente houve várias pancadas de chuva durante a cerimônia.

De acordo com a corrente "pompeiana" do neoclassicismo de David, a função do artista era satisfazer as necessidades de conforto e prazer de uma sociedade rica que desejava cercar-se apenas de cores alegres. Um dos melhores representantes disso, Pierre-Paul Prud'hon (1758-1823), não se contenta apenas em copiar obras antigas, mas destaca-se pela originalidade, graça e poesia vaporosa, num desenho puro em que as personagens emergem das sombras envoltas em luz como em "A Imperatriz Josefina". Tanto ele quanto Hubert Robert já denotam um certo espírito romântico, ou seja, um pré-romantismo.

Na Itália, o século XVIII não produziu nenhum grande artista criativo que exercesse influência marcante na pintura, comparando-se com a época anterior, segundo pesquisa de Nordana Benetazzo (1969). Na realidade, com a simples imitação dos modelos da antigüidade, os artistas renegavam a inventividade. Por outro lado, os interesses dos colecionadores e compradores da arte romana, fascinados pelas descobertas arqueológicas, voltavam-se apenas para as paisagens de cidades.

Também os escultores, como os pintores, buscavam inspiração no passado clássico, mas tinham algumas limitações técnicas para a representação de gestos arrojados e cenas dramáticas, tão fortemente mostrados na pintura. O principal objetivo dos escultores era imortalizar a beleza, com o homem dentro da natureza. O escultor mais representativo dessa época foi o mestre veneziano Antonio Canova (1757-1822), ocupando o mesmo lugar que David na pintura. Era radicalmente contra a imitação, propondo o confronto da realidade presente com as obras do passado, como quando caracterizou Napoleão com todos os atributos dos antigos imperadores de Roma, em estátua de bronze. A tônica de sua obra era a beleza universal. Para isso, ele buscou a exatidão anatômica das figuras, principalmente ao polir com perfeição o mármore de Carrara para que as musculaturas parecessem vibrar sob a pele. Ao esculpir Paulina Bonaparte, fê-la como uma linda Vênus reclinada.

Na França, destaca-se Jean-Antoine Houdon, célebre por retratar um grande número de personagens importantes da época, como Voltaire, Diderot, Rousseau, D'Alembert, Mirabeau, Luís XVI e outros.



Na arquitetura, as construções abandonavam o supérfluo em nome da funcionalidade, tendo em vista o rendimento lucrativo destacado pela nova sociedade que se formava. A solidez, a sobriedade e a comodidade eram qualidades imprescindíveis à obra, satisfazendo as conveniências do cliente e sendo realizável do ponto de vista econômico.

A arquitetura neoclássica empregava colunas que formavam extensas galerias, diferenciando-se umas construções das outras apenas pelo modelo grego, romano ou egípcio. Os prédios deveriam ter o corpo principal com alas laterais e um salão no centro, voltado para jardins ou parques. O saguão da área central era ornamentado por uma escadaria. Os telhados não apareciam atrás das balaustradas das fachadas e, no centro e no alto, ficava a clarabóia de iluminação. As janelas retangulares eram emolduradas, externamente, por um frontão ou um baixo-relevo. Os portões dos pátios e os corrimões mostravam frequentemente o ferro trabalhado com sobriedade.

Como o mais puro modelo da arquitetura antiga é o templo, as construções dos séculos XVIII e XIX - os teatros, as repartições públicas e até as residências particulares - apresentavam semelhança com igrejas.

Durante as agitações da Revolução, houve uma suspensão dos ideais artísticos neoclássicos, devido ao desmoronamento financeiro de Paris, o centro da cultura européia. No entanto, a partir de 1799, Napoleão Bonaparte deu novo impulso aos ideais anteriormente abafados, intensificando a produção arquitetônica. Iniciou-se, então, um ciclo de muitas construções, dando emprego para vários desempregados.

Com efeito, o objetivo de Napoleão era deixar a sua marca para a posteridade, através da grandiosidade das construções como a residência da Imperatriz Josefina (sua esposa), palácios em Lyon, na Alemanha e na Itália, a conclusão do Museu do Louvre e da Cidade Universitária de Quai d'Orsay, a Coluna Vendôme, a Coluna do Grande Exército e os arcos do triunfo (tradição do Império Romano) do Carroussel e da Étoile (em homenagem ao seu próprio exército). Também em Milão ele mandou construir por um arquiteto milanês, Luigi Cagnola, um arco do triunfo denominado Arco da Paz.

Napoleão se tornou, então, o grande protetor das artes em todas as cidades que dominava na Europa, com a finalidade de atestar sua glória. Percier e Fontaine foram contratados como seus arquitetos, tendo sido responsáveis, após a morte do imperador, pela construção da "Capela Expiatória", monumento fúnebre em honra a ele. Observa-se que a simplicidade de volumes caracterizavam a arquitetura napoleônica, respeitando-se a simetria em todas as obras construídas na época.

Após sua coroação, Napoleão resolveu reforçar ainda mais o culto à grandiosidade, buscando o belo. E a Europa inteira o seguiu, mesmo depois de sua queda. Em virtude disso, os dois arquitetos citados (Percier e Fontaine) continuaram a fazer sucesso. Sabe-se que a pomposidade do estilo neoclássico atingiu até a América.

Na Inglaterra, surgiu o movimento "Renascimento Grego", tendo em vista que os arquitetos preferiam as linhas gregas às romanas, por considerarem aquelas mais puras que estas. Destacavam-se os nomes de Robert Smirke, responsável pela construção do Museu Britânico de Londres (1847), e de John Nash, que aproveitava todas as fontes da antiguidade, criava um estilo mais pessoal.



Já os arquitetos alemães desta época são seguidores entusiastas do neoclassicismo, como se pode notar nas colunatas dóricas da Porta de Bradenburgo, construída por Carl Gotthard Langhans (1732-1808), de Berlim, baseando-se nos templos de Atenas. Merece destaque, também, Karl Friedrich Schinkel, arquiteto e pintor, amante da antiguidade.

Na música, os compositores franceses André Grétry (1741-1813) e Nicolas Dalayrac (1753-1809) mantinham a continuidade das características vigentes no século XVIII, embora o impulso revolucionário os levasse a renovar a inspiração e os métodos. Ambos foram autores de óperas cômicas.

Grétry, junto com François Joseph Gossec, conhecido como Gossec (1733-1829), e Etienne Méhul (1763-1817) compuseram belos hinos patrióticos que foram cantados nas festas nacionais republicanas, como o "Canto de 14 de Julho" (de Gossec) e o "Canto da Partida" (de Méhul), com letras de Marie-Joseph Chénier. Também o hino nacional da França, "A Marselhesa", considerado hino dos republicanos, é de autoria de Méhul, como o é o "Despertar do Povo", hino monarquista.

A 18 de brumário do ano II (8 de novembro de 1793), a Convenção criou o Instituto Nacional de Música, idealizado por Gossec, que foi reorganizado a 16 termidor de ano III (3 de agosto de 1795), com o nome de Conservatório. Sua finalidade era executar e ensinar música.

Considerações Finais

Como se pode observar, as campanhas napoleônicas disseminavam os princípios liberais da burguesia pelos países europeus. Assim, o neoclassicismo europeu, dominante no século XVIII, exaltava o caráter heróico das lutas patrióticas que caracterizaram a Revolução Francesa. Em tal contexto, as artes clássicas dominavam, e essa nova manifestação das artes plásticas (pintura e escultura) do século XVIII chegou a coexistir com outra forma de expressão artística também na música. Entretanto, o romantismo já começava a se esboçar, tendo se firmado no século XIX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENETAZZO, Nordana. Arte nos Séculos. São Paulo: Abril Cultural, v. 5 e 6, 1969.
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. "O Jornal e o Livro". In: *Obra Completa. Miscelânea*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, v. 3, p.943, 1985.
- LA RÉVOLUTION FRANÇAISE. In: *Éncyclopédie par l'image*. Paris: Hachette, 1924.
- PETIT LAROUSSE. *Dictionnaire Encyclopédique pour tous*. Paris: Larousse, 1966.
- SOBOUL, Albert. A Revolução Francesa. Trad. Hélio Pólvora. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.
- VICENTINO, Cláudio. A Idade Contemporânea: séculos XVIII e XIX. In: _____. *História Geral*. São Paulo: Scipione, p.261-283, 1997.